

## A TRANSFORMAÇÃO INDIVIDUAL COMO PASSO PARA A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

**Felipe Mateus de Almeida**

Cientista Social e  
Mestrando em Sociologia pela  
Universidade Federal de Goiás – UFG.

Como seria bom se acordássemos todos os dias e as coisas acontecessem como queríamos. Como seria bom se não tivéssemos problemas e tudo fosse fácil. Como seria bom se as pessoas nos valorizassem como nós as valorizamos. Como seria bom se não nos decepcionássemos, não nos magoássemos e nos entristecêssemos. Como seria bom se não nos preocupássemos com a opinião alheia, com os pré-conceitos e os pré-julgamentos. Como seria bom se fôssemos bem resolvidos e a nossa vida pessoal sempre desse certo.

O problema é que as coisas não são assim e o mundo não gira dessa maneira. Nós somos fracos, temos problemas, as pessoas não nos valorizam, temos decepções, mágoas e tristezas. Sofremos com o preconceito, os julgamentos e os juízos de valor. Não somos bem resolvidos e a nossa vida vive em um complexo de contradições.

E quando percebemos que as coisas são assim, tudo aquilo que construímos, pensamos, defendemos e legitimamos cai por terra. É como se nada mais tivesse sentido, é como se nossa existência não fosse mais necessária, é como se fôssemos insignificantes, sem sentido e sem importância.

E não é fácil admitir isso, sair de nossa zona de conforto, perceber que não estamos protegidos por um castelo e nem por uma muralha. Nós vivemos um constante conflito de valores, um constante conflito de necessidades, de sentimentos, de amores, de rancores. Nós temos medo de ficar sozinhos, de não nos sentirmos abraçados, consolados e amados. E é difícil passar por tudo isso, quebrar essa barreira que nos

# Revista Posição

cerca e admitir que não somos fortes, aceitar que ninguém é obrigado a nos dar valor, a nos respeitar e a nos conhecer.

Nós sempre queremos que as coisas aconteçam a nossa maneira, mas nunca nos colocamos no lugar do outro, nunca paramos para pensar em como aqueles que estão ao nosso redor também sofrem, em como os outros também tem problemas e em como eles se sentem marginalizados. E a culpa não é apenas nossa, a culpa também é do sistema capitalista no qual vivemos. Não se tem paz, não se tem compaixão, não se tem esperança, não se tem atitude, não se tem carinho, não se tem amor, não se tem paciência, pois nesse modo de vida oriundo das relações sociais capitalistas o desenvolvimento de valores que nos orientem para a prática do amor verdadeiro, bem como da paz, da esperança, da sinceridade e do carinho é uma tarefa praticamente impossível.

E depois de percebermos tudo isso pensamos que não há mais solução e que a única saída é desistir. Mas não! Não podemos nos render às armadilhas do sistema capitalista, não podemos cair, não podemos enfraquecer, pois tudo aquilo que a classe dominante e seus capachos - Estado, polícia e políticos – querem é que nós nos entreguemos de joelhos a esses fantasmas que assombram nossa mente e nosso coração.

E o primeiro passo é admitir que nós possuímos contradições, que nossas potencialidades não conseguem se desenvolver por completo no modo de produção capitalista, que nós temos medo, que as coisas nem sempre vão dar certo, que nem todo o sentimento vai ser correspondido e que nem sempre nós também saberemos superar as expectativas de outrem.

Nesse sentido, é um processo doloroso admitirmos que somos compostos por tantos problemas e tantas contradições. Porém, é algo necessário para que possamos começar o nosso processo de transformação individual, bem como para começarmos a colaborar com o processo de transformação social. Reconhecer que somos assim é admitir que o ambiente em que vivemos também é contraditório; é perceber que ele é responsável por legitimar os valores da competição, do individualismo, do

# Revista Posição

egocentrismo, da arrogância e da prepotência e por obliterar o desenvolvimento dos valores do altruísmo, da compaixão, do amor, da tranquilidade e da felicidade.

Portanto, o processo de transformação social perpassa pelo processo de transformação individual. Admitir isso é o começo; enfrentar todas as nossas contradições, problemas, anseios, medos e defeitos é o segundo passo; e perceber que nessa sociedade em que vivemos não é possível superar todas essas dificuldades é o terceiro passo.

Por fim, não podemos deixar de crer na utopia, ou seja, na realização de um sonho possível, na superação do modo de produção capitalista e de todas as suas instituições, valores, relações sociais e ideologias. Não podemos deixar de lutar por uma nova sociedade e por um novo modo de vida onde sejamos livres para desenvolvermos plenamente nossas potencialidades. O processo é árduo, admitir isso não é fácil e muitas vezes o sofrimento será grande, porém é necessário passar por isso, pois só assim nos tornaremos melhores.